

SÉQUINTE

Última Parada



da autora de
Vermelho, branco e sangue azul

CASEY McQUISTON

CASEY McQUISTON

Última Parada

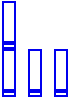
Tradução
GUILHERME MIRANDA

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Sumário

Capa	
Folha de rosto	
Sumário	
Dedicatória	
Um	
Dois	
Três	
Quatro	
Cinco	
Seis	
Sete	
Oito	
Nove	
Dez	
Onze	
Doze	
Treze	
Catorze	
Quinze	
Dezesseis	
Dezessete	
<i>Agradecimentos</i>	
<i>Sobre a autora</i>	
<i>Créditos</i>	



*Para as comunidades LGBTQIAP+ do passado, do
presente e do futuro*

*E para Lee & Essie, cujo amor não tem como caber
numa página de dedicatória*

Um

Colado em uma lixeira do lado de fora do Popeyes Louisiana Kitchen na esquina das avenidas Parkside e Flatbush.

PROCURAMOS ALGUÉM JOVEM PARA DIVIDIR O APARTAMENTO 6F AQUI EM CIMA, 6º ANDAR, US\$ 700/ MÊS. TEM QUE SER DE BOA COM PESSOAS LGBTQIAP+. NÃO PODE TER MEDO DE FOGO NEM DE CACHORRO. PROIBIDO LIBRIANES, UMA JÁ É DEMAIS. LIGAR PARA NIKO.

— Posso tocar em você?

É a primeira coisa que o cara tatuado diz quando August se acomoda na almofada desbotada no meio do sofá de couro marrom — um móvel de segunda mão caindo aos pedaços que vem sendo um personagem frequente nos últimos quatro anos e meio de faculdade. Do tipo que você enche de livros teóricos, em que “apaga” na casa dos outros ou em que senta para tomar uma coca quente enquanto não fala com ninguém numa festa. O típico sofá detonado dos vinte e poucos anos.

A maioria dos móveis é tão detonada quanto o sofá, tudo descombinado, garimpado e trazido da rua. Entretanto, quando o Cara Tatuado — Niko, o panfleto dizia que o nome dele era Niko — senta na frente de August, é numa cadeira Eames surpreendentemente sofisticada.

O lugar é assim: um misto de familiar e completamente estranho. Pequeno e apertado, tons pesados de verde e amarelo nas paredes. Plantas pendendo de quase todas as superfícies, galhos compridos se estendendo entre as prateleiras, um leve cheiro terroso. As janelas têm os mesmos caixilhos fechados à tinta dos apartamentos antigos de New Orleans, mas metade está coberta de páginas de desenhos, e a luz vespertina que atravessa é opaca e cerosa.

Há uma escultura de um metro e meio de Judy Garland feita com peças de bicicleta e marshmallow colorido no canto. Só é possível reconhecê-la porque há uma placa dizendo: OLÁ, MEU NOME É JUDY GARLAND.

Niko olha para ela, a mão estendida, enevoada pelo vapor do chá. Todo de preto, ele tem um charme de rockeiro retrô, um *undercut* no cabelo escuro sobre a pele negra clara e um maxilar confiante, além de um cristal pendurado em uma orelha. Tatuagens correm os dois braços e sobem pela garganta sob a gola abotoada. Sua voz é um pouco rouca, como se estivesse se recuperando de um resfriado, e ele morde um palito de dente no canto da boca.

Beleza, Danny Zuko, vamos com calma.

— Desculpa, hm. — August o encara, sem entender a pergunta. — Como é que é?

— Não de um jeito esquisito. — A tatuagem no dorso da mão dele é uma prancheta de Ouija. Seus dedos dizem FULL MOON. Deus do céu. — Só quero sentir sua energia. Às vezes o contato físico ajuda.

— Como assim, você é...?

— Médium, isso — ele diz com naturalidade. O palito rola pela linha branca de seus dentes quando ele abre um sorriso largo e suave. — É uma palavra para descrever. Clarividente, abençoado, *brujo*, como preferir.

Jesus. Claro. Era óbvio que um quarto de setecentos dólares por mês no Brooklyn teria uma pegadinha, e a pegadinha é a Judy Garland de marshmallow e aquele Springsteen de araque que deve estar prestes a falar que a aura dela está amassada e virada do avesso feito uma meia-calça barata.

Mas ela não tem para onde ir, e tem um Popeyes no primeiro andar do prédio. August Landry não confia nas pessoas, mas confia em frango frito.

Ela deixa Niko tocar em sua mão.

— Legal — ele diz, inexpressivo, como se tivesse botado a cabeça para fora para ver como está o clima. Ele bate dois dedos atrás dos dedos dela e volta a se recostar. — Ah. Ah, uau, certo. Que interessante.

August pestaneja.

— O quê?

Ele tira o palito de dente da boca e o larga em cima do baú entre os dois, ao lado de uma tigela de chicletes. Faz cara de quem está com o intestino preso.

— Você gosta de lírios? — pergunta. — É, vou comprar uns lírios para o dia da sua mudança. Pode ser na quinta? Myla vai precisar de um tempinho para arrumar as tralhas dela. Ela tem muitos ossos.

— Eu... Espera, tipo, no corpo?

— Não, ossos de sapo. Bem pequenininhos. Difíceis de catar. Precisa de uma pinça. — Ele deve ter notado a cara que August faz. — Ah, ela é escultora. É para uma obra. É o quarto dela que você vai ocupar. Não se preocupa, vou defumar o lugar com sálvia.

— Ah, eu não estava com medo de... fantasmas de sapo?

Ela deveria ter medo de fantasmas de sapo? Talvez essa tal de Myla pratique assassinatos ritualísticos de sapos.

— Niko, para de falar de fantasmas de sapo para as pessoas — diz uma voz no corredor. Uma garota linda, negra, com um rosto redondo e simpático e cílios enormes, está encostada no batente, óculos de proteção enfiados nos cachos escuros. Ela sorri quando vê August. — Oi, eu sou a Myla.

— August.

— Encontramos nossa garota — Niko diz. — Ela gosta de lírios.

August odeia quando pessoas como ele fazem essas coisas. Palpites. Ela gosta mesmo de lírios, consegue até abrir uma página da Wikipédia na cabeça: *Lilium candidum*. A altura varia de sessenta a cento e oitenta centímetros. Estudados com disciplina da janela do apartamento de dois quartos da sua mãe.

Niko não tinha como saber — não *tem* como saber. August segura a respiração e segue em frente, do mesmo jeito que faz com os videntes embaixo dos guarda-sóis na Jackson Square da sua cidade.

— Então é isso? — ela pergunta. — O quarto é meu? Você, bom, não me perguntou nada.

Ele apoia a cabeça na mão.

— Que horas você nasceu?

— Eu... não sei? — Lembrando do panfleto, ela acrescenta: — Acho que sou virginiana, se isso ajuda.

— Ah, sim, bem virginiana.

Ela consegue manter o rosto neutro.

— Você é... um médium profissional? Tipo, as pessoas te pagam?

— Só meio período — Myla diz. Ela entra na sala, de uma maneira bem graciosa para alguém com um maçarico na mão, e se afunda na cadeira ao lado da dele. O chiclete cor-de-rosa que ela está mascando explica a tigela de chicletes. — No resto do tempo, ele é um péssimo barman.

— Não sou tão ruim assim.

— É claro que não — ela diz, dando um beijo na bochecha dele. Ela finge sussurrar para August: — Ele achou que *paloma* era um tipo de tumor.

Enquanto eles discutem sobre as habilidades de Niko como barman, August discretamente tira um chiclete redondo da tigela e o deixa cair para testar uma teoria sobre o chão. Como suspeitava, ele sai rolando pela cozinha até o corredor.

Ela limpa a garganta.

— Então vocês estão...?

— Juntos, é — diz Myla. — Quatro anos. Foi bom ter nossos próprios quartos, mas não estamos lá muito bem de grana, então vou me mudar para o quarto dele.

— E a terceira pessoa é?

— Wes. Aquele quarto no fim do corredor — ela diz. — Ele é mais noturno.

— Os desenhos são dele — Niko diz, apontando para as páginas nas janelas. — Ele é tatuador.

— Certo — August diz. — Então são dois mil e oitocentos dólares ao todo? Setecentos para cada?

— Isso.

— E o panfleto falava sobre... fogo?

Myla dá um aperto carinhoso no maçarico.

— Fogo controlado.

— E cachorros?

— Wes tem um — Niko intervém. — Um poodlezinho chamado Noodles.

— Noodles, o poodle?

— Mas ele vive no horário do Wes. Um fantasma da noite.

— Mais alguma coisa que eu precise saber?

Myla e Niko trocam um olhar.

— Umás três vezes por dia a geladeira faz um barulho bizarro, como se um esqueleto estivesse tentando comer um saco de moedas, mas a gente tem quase certeza de que não é nada — Niko diz.

— Um dos ladrilhos da cozinha está solto, então a gente meio que sai chutando o negócio por aí — Myla acrescenta.

— O cara do apartamento da frente é uma drag queen e às vezes ele pratica a apresentação no meio da noite, então, se ouvir Patti LaBelle, é por isso.

— A água quente leva vinte minutos para esquentar, mas dez se você for gentil.

— Não é mal-assombrado, mas, tipo, não que *não* seja mal-assombrado.

Myla estoura o chiclete.

— É isso.

August engole em seco.

— Certo.

Ela considera suas opções, observando Niko enfiar os dedos no bolso do macacão manchado de tinta de Myla, e se pergunta o que Niko viu quando tocou no dorso da mão dela, ou pensou ver. *Fingiu* ver.

Ela quer mesmo morar com um casal? Um casal que é metade um médium fajuto que parece o vocalista de uma banda cover dos Arctic Monkeys e metade uma incendiária com um quarto cheio de sapos mortos? Não.

Mas o semestre da Brooklyn College começa em uma semana, e ela não vai dar conta de procurar um lugar e um trabalho depois que as aulas começarem.

Para uma garota que carrega um canivete para todo lado porque uma mulher prevenida vale por duas, ao que parece August não

planejou muito bem essa mudança para Nova York.

— Certo? — Myla pergunta. — Certo o quê?

— Certo — August responde. — Estou dentro.

No fim, August diria sim a esse apartamento de qualquer modo porque cresceu em um menor e mais feio, cheio de coisas ainda mais estranhas.

— Parece bonito! — sua mãe diz pelo FaceTime, apoiada no batente da janela.

— Você só está falando isso porque este tem chão de taco e não aquele tapete horroroso do apartamento de Idlewild.

— Aquele lugar não era tão ruim assim! — ela exclama, às voltas com uma caixa de arquivos. Seus óculos enormes escorregam pelo nariz, e ela os empurra para cima com a ponta de um iluminador, deixando um risco amarelo. — Ele nos proporcionou nove anos ótimos. E um tapete pode esconder uma infinidade de pecados.

August revira os olhos, empurrando uma caixa pelo quarto. O apartamento de Idlewild era um pardieiro de dois quartos meia hora depois de New Orleans, o tipo de pocilga suburbana construída nos anos 70 que não tem nem o charme nem a personalidade de estar na cidade.

Ela ainda consegue se lembrar do tapete nos pequenos intervalos entre as pilhas de revistas velhas e caixas de arquivo periclitantes. *Se vira nos trinta: Especial mãe solo*. Tinha um tom imperdoável de bege sujo, assim como as paredes, quando não estavam cobertas de mapas, quadros de aviso, páginas arrancadas de listas telefônicas e...

É, até que este lugar não é tão ruim assim.

— Você falou com o detetive Primeaux hoje? — August pergunta.

É a primeira sexta-feira do mês, então ela já sabe a resposta.

— Nada de novo — ela diz. — Ele nem tenta mais fingir que vai reabrir o caso. Uma vergonha.

August empurra outra caixa para um canto diferente, perto do aquecedor que sopra um calorzinho contra o gelo de janeiro. Mais perto da janela, consegue ouvir melhor a mãe, cujo cabelo castanho

igual ao dela cai encrespado em volta do rosto. Sob o cabelo, o mesmo rosto redondo e os mesmos olhos grandes e verdes de bebê que August tem, as mesmas mãos angulosas enquanto folheia os papéis. Sua mãe parece exausta. Ela sempre parece exausta.

— Bom — August diz. — Ele é um bosta.

— Ele é um bosta — sua mãe concorda, acenando, séria. — E o pessoal da casa nova?

— São legais. Quer dizer, meio esquisitos. Um diz que é médium. Mas não acho que eles sejam, tipo, assassinos.

— Hum — sua mãe diz, sem prestar atenção. — Lembre-se das regras. Número um...

— Nós contra todos.

— E número dois...

— Se tentarem me matar, é para pegar o DNA deles com as unhas.

— Essa é a minha garota. Escuta, preciso ir, acabei de abrir essa remessa de registros públicos e vou passar o fim de semana mergulhada nisso. Se cuida, tá? E me liga amanhã.

No momento em que elas desligam, um silêncio insuportável cai no quarto.

Se a vida de August fosse um filme, a trilha sonora seria composta pelos sons baixos de sua mãe, o estalido do teclado dela e os murmúrios enquanto busca um documento. Mesmo quando August parou de ajudar com o caso, quando se mudou e só passou a ouvir esses sons pelo celular, eles eram uma constante. A três mil quilômetros de distância, é como se alguém tivesse finalmente cortado a música.

Elas têm muito em comum — cartões de biblioteca estourados, solteirice perpétua, afinidade por molhos picantes, um conhecimento enciclopédico do protocolo de pessoas desaparecidas do Departamento de Polícia de New Orleans. Mas a grande diferença entre August e a mãe? Suzette Landry acumula tralha como se o inverno nuclear estivesse próximo, e August, muito deliberadamente, não tem quase nada.

O que ela tem são cinco caixas. Cinco caixas de papelão acumuladas ao longo de seus vinte e três anos. Vivendo como se estivesse fugindo do maldito FBI. Coisas comuns.

Ela empurra a última para um canto vazio, para não ficarem amontoadas.

No fundo da bolsa, depois da carteira, dos caderninhos e do carregador portátil do celular, está seu canivete. O cabo tem forma de peixe, com um adesivo rosa desbotado em forma de coração, colado quando ela tinha sete anos — mais ou menos quando aprendeu a usá-lo. Depois de abrir as caixas com ele, arruma as coisas em pilhas bem organizadas.

Perto do aquecedor: dois pares de botas, três pares de meias. Seis camisas, dois suéteres, três calças jeans, duas saias. Um par de Vans brancos — esses são especiais, um presente que ela deu para si mesma no ano anterior, ainda cheia de adrenalina e de palitos de mozzarella do Applebee's, onde saiu do armário para a mãe.

Perto da parede com a rachadura no meio: o único livro físico que ela tem — um romance policial antigo — ao lado do tablet, que contém centenas de outros livros. Talvez milhares. Ela não sabe bem. É estressante pensar que pode ter muitos volumes de qualquer coisa.

No canto que cheira a sálvia e, talvez, vagamente, a centenas de sapos que, segundo lhe asseguraram, morreram de causas naturais: uma foto emoldurada de uma lavanderia velha da rua Chartres, um isqueiro Bic e uma vela. Ela dobra o canivete, o deixa ao lado e mentalmente pendura ali uma placa que diz **OBJETOS PESSOAIS**.

Ela está sacudindo o colchão inflável quando ouve alguém abrindo uma porta emperrada, seguido por um resvalar violento, como se uma aranha peluda enorme rolasse pelo corredor. O ser bate contra uma parede e, então, o que só pode ser descrito como um daqueles bichinhos de fuligem de *A viagem de Chihiro* entra em disparada no quarto de August.

— Noodles! — grita Niko, pouco antes de aparecer à porta. Tem uma coleira pendurada na mão e uma expressão constrangida nos traços angulares.

— Pensei que você tinha dito que ele era um fantasma da noite — August comenta.

Noodles está farejando as meias dela, o rabo acelerado, até notar a nova moradora e se atirar nela.

— Ele é — Niko diz, franzindo o rosto. — Quer dizer, mais ou menos. Às vezes, fico com dó e o levo comigo para o trabalho na loja durante o dia. Acho que não mencionamos a... é... — Noodles aproveita esse momento para apoiar as duas patas nos ombros de August e tentar enfiar a língua em sua boca. — Personalidade dele.

Myla aparece atrás de Niko, um skate embaixo do braço.

— Ah, você conheceu o Noodles!

— Ah, sim — August diz. — Intimamente.

— Precisa de ajuda com o resto das coisas?

Ela pestaneja.

— É isso.

— É... isso? — Myla pergunta. — Só isso?

— É.

— Você não... Bom. — Myla está olhando como se só agora percebesse que na verdade não sabia nada sobre August antes de aceitar que ela guardasse seus legumes ao lado dos deles na gaveta da geladeira. É um olhar que August lança a si mesma com frequência no espelho. — Você não tem nenhum móvel.

— Sou meio minimalista — August diz.

Se tentasse, August poderia transformar suas cinco caixas em quatro. Talvez seja uma boa tarefa para o fim de semana.

— Ah, queria ser mais assim. Niko vai começar a jogar meus jogos pela janela enquanto durmo. — Myla sorri, convencida de que August não está, na verdade, no programa de proteção à testemunha. — Enfim, vamos jantar panquecas. Você está a fim?

August preferia deixar que Niko jogasse pela janela a dividir panquecas com pessoas que mal conhece.

— Não tenho dinheiro para comer fora — responde. — Ainda estou sem trabalho.

— Você acha que a gente vai te deixar pagar? É um jantar de boas-vindas — Myla diz.

— Ah — August diz.

Que... generoso. Uma luz de alerta se acende em algum lugar do cérebro de August. Seu guia de campo mental para fazer amigos é um panfleto de duas páginas que diz apenas: *NÃO*.

— A Casa de Panquecas de Billy Panqueca — diz Myla. — É um clássico de Flatbush.

— Aberto desde 1976 — Niko acrescenta.

August arqueia a sobancelha.

— Quarenta e quatro anos e ninguém sugeriu um nome melhor?

— Faz parte do charme — Myla diz. — É, tipo, o nosso lugar. Você é do sul, né? Vai gostar. É bem despretensioso.

Eles ficam parados, se encarando. Um impasse de panqueca.

August quer ficar na segurança do quatinho horrível com o conforto de um jantar deprimente de Pop-Tarts e uma trégua silenciosa com seu cérebro. Mas ela olha para Niko e se dá conta de que, mesmo se estivesse fingindo quando fez o truque de médium, ele enxergou algo nela. E havia muito tempo desde a última vez que alguém fizera isso.

Argh.

— Está bem — ela diz, se levantando, e o sorriso de Myla se abre como a luz das estrelas.

Dez minutos depois, August está sentada em uma mesa de canto da Casa de Panquecas de Billy Panqueca, onde todos os garçons parecem conhecer Niko e Myla pelo nome. O garçom deles é um homem negro de barba, um sorriso largo e um crachá desbotado que diz WINFIELD fixado na camiseta vermelha do Billy Panqueca. Ele nem pergunta o pedido de Niko ou Myla — apenas serve uma xícara de café e uma *pink lemonade*.

Ela entende o que eles queriam dizer sobre o caráter lendário do Billy Panqueca. O lugar tem um tipo particular de espírito nova-iorquino, próximo de uma pintura de Edward Hopper ou da lancheonete de *Seinfeld*, mas com muito mais charme. Fica em uma esquina, com janelões para a rua dos dois lados, mesas de fórmica

denteadas e bancos de vinil vermelho que são tirados das áreas mais movimentadas à medida que vão rachando. Tem um balcão de lanchonete ao longo de uma das paredes, fotos antigas e manchetes sobre os Mets do chão até o teto.

Tem também um cheiro poderoso, uma torpeza olfativa tão intensa que August consegue sentir se entranhando nela por dentro.

— Enfim, o pai do Wes deu para ele — Myla diz, explicando como um conjunto de cadeiras Eames de couro foi parar no apartamento.

— Um presente de “parabéns por atender às expectativas familiares” quando ele começou a faculdade de arquitetura no Pratt.

— Pensei que ele fosse tatuador!

— Ele é — Niko diz. — Largou depois de um semestre. Meio que teve um... surto.

— Ele ficou sentado em uma escada de incêndio de cueca por catorze horas, e tiveram que chamar os bombeiros — acrescenta Myla.

— Só por causa do incêndio criminoso — Niko faz um adendo.

— Deus do céu — August diz. — Como vocês o conheceram?

Myla arregança uma das mangas de Niko até depois do cotovelo, mostrando a Virgem Maria estranhamente sexy no antebraço dele.

— Ele fez isso. Pela metade do preço, já que estava aprendendo na época.

— Uau! — Os dedos de August coçam no cardápio grudento, ansiosos para escrever tudo. Seu instinto menos encantador quando conhece pessoas novas: tomar notas. — De arquitetura para tatuagens. Que mudança.

— Ele decorou bolos por um tempinho nesse intervalo, acredita?

— Myla diz. — Às vezes, quando ele tem um dia bom, você chega em casa e o lugar todo está com cheiro de baunilha e ele deixa uma dezena de cupcakes confeitados no balcão.

— O novinho é uma caixinha de surpresas — Niko observa.

Myla dá risada e se volta para August.

— Então, o que a trouxe a Nova York?

August odeia essa pergunta. Envolve coisas demais. O que deu na cabeça de alguém como August, uma menina suburbana com uma piscina de dívidas estudantis e as habilidades sociais de uma

lata de Pringles, para se mudar para Nova York sem amigos e muito menos um plano?

A verdade é que, para quem passou a vida inteira sozinha, é incrivelmente atraente se mudar para um lugar tão grande que dê para se perder, onde ficar sozinha pareça uma escolha. Mas, em vez disso, August diz:

— Sempre quis arriscar. Nova York é... sei lá, tentei a Universidade de New Orleans, depois a Universidade de Memphis, e me pareceram... pequenas, acho. Eu queria algo maior. Então pedi transferência para a Brooklyn College.

Niko está olhando para ela com serenidade, mexendo o café. August o acha praticamente inofensivo, mas não gosta de como ele olha para ela como se soubesse de coisas.

— Não eram desafiantes o bastante — ele diz. Outra observação sutil. — Você queria um desafio mais complexo.

August cruza os braços.

— Você não está... inteiramente errado.

Winfield chega com a comida deles, e Myla pergunta:

— Ei, cadê o Marty? Ele está sempre nesse turno.

— Pediu demissão — diz Winfield, servindo um pote de calda na mesa.

— Não.

— Voltou para Nebraska.

— Que triste.

— Pois é.

— Então quer dizer que vocês estão contratando — diz Myla, se debruçando sobre o prato.

— Isso. Por quê? Você conhece alguém?

— Já conheceu August?

Ela aponta dramaticamente para August como se fosse uma vogal do *Roda a Roda*.

Winfield volta a atenção para August, que fica paralisada, pingando molho de pimenta na batata rosti.

— Você já serviu mesas antes?

— Eu...

— Milhares — interrompe Myla. — Ela praticamente nasceu de avental.

Winfield estreita os olhos para August, em dúvida.

— Você teria que se candidatar. Vai depender da Lucie.

Ele aponta o queixo para o balcão, onde uma jovem branca, de cara séria, cabelo pintado de vermelho e delineador pesado está olhando com ferocidade para a caixa registradora. Se é ela que August tem de tapear, o mais provável é que consiga uma unha de acrílico na jugular.

— Lucie me adora — diz Myla.

— Ela não te adora.

— Ela me adora tanto quanto adora todo mundo.

— Isso não quer dizer muita coisa.

— Fala para ela que eu boto a mão no fogo pela August.

— Na verdade, eu... — August se arrisca a dizer, mas leva um pisão no pé. E Myla está usando coturnos; é difícil errar a mira.

A questão é que August tem a impressão de que essa não é exatamente uma lanchonete qualquer. Tem algo de cintilante e luminoso no ar, caloroso e acolhedor, que envolve as mesas decadentes e os garçons que circulam de uma a uma. Um lavador de pratos passa com uma bacia de louças e uma caneca cai da pilha. Winfield ergue a mão atrás de si, sem nem olhar, e a pega em pleno ar.

Parece mágica.

August não faz mágica.

— Poxa, Win — Myla diz enquanto Winfield tranquilamente ajeita a caneca de volta na bacia. — Somos seus clientes de quinta à noite há quanto tempo? Três anos? Eu não traria alguém que não desse conta.

Ele revira os olhos, mas sorri.

— Vou buscar uma ficha.

— Eu nunca servi mesas na vida — August diz, quando estão caminhando de volta para o apartamento.

— Você vai se dar bem — Myla incentiva. — Niko, diz que ela vai se dar bem.

— Eu não saio por aí distribuindo leituras do futuro de graça.

— Ah, só na semana passada quando eu queria tailandês, mas você pressentiu que manjeriço tinha uma *energia negativa para nós*, né?

August escuta as vozes deles discutindo e os passos dos três na calçada. A cidade está escurecendo, com um tom monótono de laranja-amarronzado quase igual à noite de New Orleans, e é tão acolhedor que a faz pensar que talvez... talvez ela tenha uma chance.

No alto da escada, Myla destranca a porta, e eles tiram os sapatos e os deixam em uma pilha.

Niko aponta para a pia da cozinha e diz:

— Bem-vinda ao lar.

August nota pela primeira vez, ao lado da torneira: lírios, frescos, metidos num jarro.

Lar.

Bom. É o lar *deles*, não dela. São as fotos da infância *deles* na geladeira, o cheiro de tinta, fuligem e lavanda *deles* impregnado nos tapetes remendados, a rotina de jantar de panquecas *deles*, tudo isso estabelecido anos antes de August sequer chegar a Nova York. Mas é gostoso de olhar. Uma natureza morta reconfortante para ser admirada na cozinha.

August morou em uma dezena de quartos sem jamais saber como transformar um espaço em um lar, como se expandir até preencher seu espaço, como Niko, Myla ou até mesmo Wes, com seus desenhos na parede, fazem. Ela não sabe, na verdade, o que seria preciso a essa altura. Foram vinte e três anos de passagem, tocando tijolo após tijolo, sem nunca sentir um laço permanente.

Parece bobagem dizer isto, mas talvez... Talvez possa ser agora. Talvez uma faculdade nova. Talvez um trabalho novo. Talvez um lugar que pudesse querer que ela se sinta em casa.

Talvez uma pessoa, ela arrisca. Mas não consegue imaginar quem.

August está cheirando a panquecas.

O cheiro não *sai*, por mais banhos que tome ou vezes que lave as roupas na lavanderia vinte e quatro horas. Faz apenas uma semana que ela trabalha na Billy, e a gordura da batata rosti se uniu a ela em um nível molecular.

Definitivamente não é hoje que ela vai se livrar desse cheiro, não depois de um turno da noite, mal tendo tempo para se arrastar escada acima, vestir uma camisa limpa, enfiar a barra dentro da saia e voltar para o andar de baixo. Até seu casaco cheira a bacon. Ela é um sonho ambulante para lariquentos e caminhoneiros, um prato de panqueca e linguiça levado pelo vento. Pelo menos conseguiu roubar um café gigante.

Primeiro dia de aula. Primeiro dia na faculdade nova. Primeiro dia no curso novo.

Não é letras (sua primeira tentativa) nem história (a segunda). Também não é psicologia (terceira), mas é basicamente a mesma coisa dos últimos quatro anos e meio: mais um *talvez seja este*, afinal, ela já juntou créditos de matérias e empréstimos estudantis demais, e não sabe ao certo o que fazer a não ser viver de prova em prova até o dia de sua morte.

Que seja sociologia, então.

As aulas da segunda começam às oito e meia, e ela já memorizou o trajeto. Descer a rua até a estação Parkside Avenue, linha Q no sentido de Coney Island, descer na Avenue H, andar dois quarteirões. Ela consegue ver as bolinhas com as letras do metrô em sua mente. Não leva jeito com pessoas, mas vai obrigar essa cidade a ser sua amiga custe o que custar.

August está tão concentrada nas linhas do metrô se desdobrando em seu cérebro que não nota a poça de gelo.

O calcanhar da bota escorrega, e ela cai de joelhos no chão, a meia-calça se rasgando, uma das mãos batendo no concreto, e a outra esmagando o copo em seu peito. A tampa se abre, e o café explode na camisa dela.

— *Putá merda!* — ela exclama enquanto a mochila se esparrama na calçada.

Ela vê, desamparada, uma mulher de parca chutar seu celular para a sarjeta.

Veja bem. August não chora.

Ela não chorou quando foi embora de Belle Chasse, nem de New Orleans, nem de Memphis. Ela não chora quando briga com a mãe, não chora quando sente saudade dela e não chora quando não sente saudade nenhuma dela. August não chorou nenhuma vez desde que chegou a Nova York. Mas August está sangrando e coberta de café quente, não dorme há dois dias e não consegue pensar em nenhuma pessoa em um raio de mil quilômetros que se importe, e sua garganta queima tão forte que ela pensa: *Deus, por favor, não na frente de toda essa gente.*

Ela poderia matar aula. Arrastar-se por seis lances de escada, se jogar no colchão inflável de solteiro, tentar de novo amanhã. Ela poderia fazer isso. Mas não veio do outro lado do país para se deixar abater por um joelho ralado e um sutiã encharcado de café. Como sua mãe diria: *Deixa de ser frouxa.*

Então, ela engole em seco. Junta suas coisas. Põe a mochila nas costas. Ajeita o casaco.

Ela vai pegar esse maldito metrô.

A estação Parkside Avenue é acima do nível do solo — colunas vermelhas grandes, mosaico de azulejos, hera subindo pelos tijolos da face de trás dos prédios que sombreiam os trilhos —, e August tromba em quatro pessoas para chegar à catraca. Ela encontra a plataforma exatamente quando o trem Q chega e é levada pelo empurra-empurra para um vagão com alguns lugares felizmente vazios. Ela consegue sentar.

Certo.

Durante os dez minutos seguintes, ela sabe exatamente onde está e aonde está indo. Tudo que precisa fazer é ficar sentada e se deixar levar.

Ela dá um suspiro. Volta a inspirar devagar pelo nariz.

Nossa, como esse trem *fede*.

Ela não vai chorar — ela *não* vai chorar —, mas então uma sombra bloqueia as luzes fluorescentes, o calor estático de alguém se aproximando, voltando o corpo e a atenção para ela.

A última coisa de que ela precisa é ser assediada por um tarado. Talvez, se começasse a chorar, um surto completo como o que o tal do Wes teve ao sair do Pratt, o cara a deixe em paz. Ela apalpa o canivete dentro do casaco.

Ergue os olhos, esperando encontrar um homem desgrenhado para combinar com as pernas compridas e o jeans rasgado na frente dela, mas, em vez disso...

Em vez disso.

Pernas Compridas é... uma garota.

Da idade de August, talvez um pouco mais velha, maçãs do rosto, maxilar e pele num tom dourado de marrom devastadores. Seu cabelo preto é curto, liso e penteado para trás, e ela está erguendo a sobrancelha para August. Usa uma camiseta branca para dentro da calça jeans rasgada e uma jaqueta de couro preta bem conservada por cima dos ombros, como se tivesse nascido com ela. O conjunto de traços e o sorriso sarcástico parecem o começo de uma longa história que August contaria em um bar se tivesse algum amigo.

— Vixe — ela diz, apontando para a camisa de August, onde a mancha de café se espalhou, o que é a última coisa em seus peitos que August gostaria que atraísse a atenção da menina.

A menina mais gata que August já viu na vida deu uma olhada para ela e disse “Vixe”.

Antes que August consiga pensar no que dizer, a garota joga a mochila para a frente e August observa com cara de tonta enquanto ela desenrola um cachecol vermelho, guardando um pacote de chicletes e tirando fones de ouvido retrô.

August não consegue acreditar que pensou que essa modelo de jaqueta de motociclista fosse um tarado de metrô. Ela não consegue acreditar que uma anja bofinho do metrô a viu chorar com os peitos cobertos de café.

— Toma — a garota diz, oferecendo o cachecol. — Você parece estar indo para um lugar importante, então... — Aponta vagamente para o pescoço de August. — Fica com ele.

August fica olhando para ela, parada em sua frente com aquela cara de guitarrista de banda feminina de punk rock chamada Hora

de Causar um Aneurisma em August.

— Você... ai, meu Deus, não posso ficar com seu cachecol.

A menina dá de ombros.

— Eu arranjo outro.

— Mas está frio.

— É — ela diz, e seu sorriso se transforma em algo indecifrável, uma covinha brotando em um lado da boca. August quer morrer naquela covinha. — Mas não sou muito de sair.

August continua olhando.

— Olha — insiste a anja do metrô. — Pode ficar, ou vou deixar no banco do seu lado, e ele pode ser absorvido pelo ecossistema do metrô para todo o sempre.

Os olhos dela são brilhantes, provocantes e calorosos, um calor castanho que não se dissolve nunca, e August não sabe como poderia fazer qualquer coisa além do que essa garota diz.

O ponto de tricô do cachecol é frouxo e macio. Quando as pontas dos dedos de August encostam nele, há um estalo de eletricidade estática. Ela leva um susto, e a garota ri baixinho.

— Já disseram que você cheira a panquecas?

O trem entra num túnel, estremecendo sobre os trilhos, e a menina solta um “Opa” baixo e leva a mão ao ferro em cima de August. A última coisa que August vê é a curva ligeiramente torta do queixo dela e um vislumbre da pele onde a camisa dela se abre antes das luzes fluorescentes se apagarem.

É apenas um ou dois segundos de escuridão, mas, quando as luzes voltam a se acender, a garota sumiu.

Dois

Qual é o problema da linha Q?

Por Andrew Gould e Natasha Brown

29 de dezembro de 2019

Os nova-iorquinos sabem que não devem esperar perfeição nem pontualidade do sistema de metrô. Mas essa semana houve um novo fator no serviço já irregular da linha Q: sobrecargas elétricas apagaram as luzes, causaram falhas nos painéis de avisos e pararam diversos trens.

Na segunda, a Manhattan Transit Authority alertou os usuários de que poderia haver atrasos de até uma hora na linha Q em ambos os sentidos enquanto a causa das falhas elétricas era investigada. O serviço voltou ao normal à tarde, mas relatos de paradas súbitas persistiram.

[A foto retrata passageiros da linha Q a caminho do Brooklyn sobre a Ponte de Manhattan. No primeiro plano está uma mulher sino-americana na casa dos vinte anos com o cabelo curto e uma jaqueta de couro, franzindo a testa para uma lâmpada que pisca.]

Moradora do Brooklyn, Jane Su pega a linha Q para Manhattan todos os dias.
Tyler Martin para o *New York Times*

— Decidi que vou lambuzar o saco do detetive Primeaux de pasta de amendoim e o jogar no lago Pontchartrain — a mãe de August diz. — Deixar que ele seja castrado pelos peixes.

— Essa é nova — August comenta, agachada atrás de um carrinho de pratos sujos, o único lugar dentro da Billy onde o celular dela consegue mais do que uma barra anêmica de sinal. Ela está com a cara a cinco centímetros de uma omelete meio comida. A vida em Nova York é extremamente glamorosa. — O que ele fez dessa vez?

— Mandou a recepcionista não repassar minhas ligações.

— Eles te falaram isso?

— Assim, ela não precisou falar. Mas deu para notar.

August morde o interior da bochecha.

— Bom. Ele é um bosta.

— É — ela concorda. August consegue ouvi-la tentando abrir as cinco fechaduras na porta de casa, chegando do trabalho. — Enfim, como foi o primeiro dia de aula?

— O de sempre. Um bando de gente que já se conhece e eu, a figurante de um filme universitário.

— Bom, eles devem ser todos uns bostas.

— Provavelmente.

August consegue imaginar sua mãe dando de ombros.

— Você lembra quando roubou a fita de *Digam o que quiserem* dos vizinhos? — a mãe pergunta.

August ri sem querer.

— Você ficou tão brava comigo.

— E você fez uma *cópia*. Sete anos de idade, e já sabendo piratear um filme. Quantas vezes peguei você assistindo àquilo no meio da noite?

— Tipo, um milhão.

— Você sempre se matava de chorar com aquela música do Peter Gabriel. Você tem um coração mole, filha. Eu tinha medo de que se machucasse. Mas me surpreendi. Você superou isso. Você é como eu: não precisa de ninguém. Lembre-se disso.

— Pois é. — Por meio segundo constrangedor, a mente de August volta ao metrô e à garota da jaqueta de couro. Ela engole em seco. — É, você tem razão. Vai ficar tudo bem.

Ela afasta o celular do rosto para ver a hora. Merda. O intervalo está quase acabando.

August teve sorte de arranjar um emprego, mas não sorte suficiente para ser boa nele. Talvez ela tenha sido convincente demais quando Lucie, a gerente, ligou para o número de referência e deu no celular reserva de August. O resultado: direto para o salão, sem treinamento, aprendendo tudo na prática.

— Porção de bacon? — o moço da mesa dezenove pergunta quando August serve o prato dele. É um dos fregueses que Winfield

apontou no primeiro dia dela: um bombeiro aposentado que há vinte anos vem todos os dias tomar café da manhã. Pelo menos ele gosta tanto da Billy que não liga para o péssimo atendimento.

— Merda, desculpa. — August se encolhe. — Desculpa por dizer “merda”.

— Esqueceu isso — diz uma voz atrás dela com um forte sotaque tcheco. Lucie chega com uma porção de bacon do nada e puxa August pelo braço na direção da cozinha.

— Obrigada. — August crispa-se com as unhas da gerente cravadas em seu cotovelo. — Como você sabia?

— Eu sei de tudo — Lucie retruca, o rabo de cavalo vermelho-vivo balançando sob as luzes encardidas. Ela solta August perto do balcão e volta para o sanduíche de ovo e o rascunho da escala da semana seguinte. — Você deveria se lembrar disso.

— Desculpa. Você me salvou. Minha salvadora de derivados suínos.

Lucie faz uma cara que fica igual a uma ave de rapina de delineador líquido.

— Você gosta de piadas. Eu não.

— Desculpa.

— Também não gosto de desculpas.

August engole mais um *desculpa* e se volta para a caixa registradora para se lembrar de como anotar um pedido urgente. Ela com certeza esqueceu a batata rosti da mesa dezessete e...

— Jerry! — Lucie grita pela janela da cozinha. — Batata rosti, rápido!

— Vai se foder, Lucie!

Ela grita algo em tcheco em resposta.

— Você sabe que não sei o que isso quer dizer!

— Passando — Winfield avisa, vindo por trás dela com uma pilha cheia em cada mão, mirtilo na esquerda, pecã e manteiga na direita. Ele vira a cabeça para a cozinha, as tranças balançando, e diz: — Ela te chamou de pinto feio, Jerry.

Jerry, o cozinheiro mais velho, solta uma gargalhada e começa a fazer batata rosti na grelha. August descobriu que Lucie tem uma visão sobre-humana e um hábito de supervisionar o trabalho de

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Última Parada"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).